A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO URBANO AMBIENTAL EM CIDADES DE PEQUENO PORTE: PRESIDENTE VENCESLAU-SP

João Victor de Souza Lima¹, Patrícia de Faccio Rissi¹, Mayara Pissutti Albano², Yeda Ruiz Maria²
E-mail: jv_al182@hotmail.com

¹ Discentes do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE.² Docentes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Ambiental e Sanitária, Design de Interior e Engenharia de Produção da Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE.

RESUMO

Este artigo visa analisar a importância do planejamento urbano ambiental em Presidente Venceslau-SP, caracteristicamente uma cidade de pequeno porte. Observa-se que a cidade sofre grande impacto ambiental que atinge, não só toda a região, mas principalmente à sua própria população, impacto este que é negligenciado. O planejamento ambiental, por sua vez, é essencial para que uma cidade se desenvolva adequadamente, de modo que sua economia e progresso caminhem junto com a preocupação com o meio ambiente. O artigo analisa então os principais aspectos do município voltados ao impacto ambiental: Água, Esgoto, Resíduos Sólidos, Solo e Vegetação. Essa análise resultará em uma avaliação geral da situação atual, e nos erros que a resultaram, dando ênfase à falta de um planejamento ambiental estruturado.

Palavras-chave: Planejamento Urbano Ambiental; Água e Esgoto; Resíduos Sólidos Urbanos; Solo e Vegetação; Presidente Venceslau-SP.

1. INTRODUÇÃO

Presidente Venceslau localiza-se no extremo oeste do estado de São Paulo, em uma região denominada como “Alta Sorocabana”. Atualmente apresenta sérios problemas ambientais, resultantes de um histórico conturbado e cheio de lacunas, relacionado com a colonização por imigrantes de diversos países que ocorreu nesse território.

Segundo Franco (2001), na história da humanidade, o homem já possuiu uma preocupação natural com o meio ambiente, uma forma de “planejamento ambiental rudimentar”. Franco (2001) enfatiza que tal fato acontecia porque, enquanto nômade, dava tempo para natureza se recompor das extrações necessárias para a sua sobrevivência e, quando se tornou sedentário (se instalado em um só lugar), teve que se tornar mais atento aos limites desses recursos, de modo que acabou adquirindo uma preocupação maior com o meio ambiente e com a forma com que o impactava. Essa preocupação, por sua vez, foi perdida quando a humanidade

“[...] viu na descoberta de novos e vastos continentes o ‘eldorado’ ou ‘paraíso perdido’ bíblico, perdendo, de certa forma, a noção de escala de recursos, achando, de maneira infantil, que poderia ‘gastar infinitamente’.” (FRANCO, 2001 p. 35).

Desde então, o homem, enquanto ser egoísta e ambicioso criou a ideologia errônea de que poderia explorar terras estrangeiras discriminadamente, uma vez que não eram suas terras natais. A partir dessa ideologia desastrosa, as colonizações feitas por imigrantes, em sua maioria, ocorreram de forma irresponsável, sem qualquer preocupação com o meio no qual se estava intervindo. Isso se mostrou mais acentuado em áreas distantes e interioranas, áreas “sem donos”, onde a ambição dos exploradores era maior, e, proporcionalmente, sua irresponsabilidade para com os ecossistemas nativos. Esse foi o caso de Presidente Venceslau - SP, que, desde o início de sua colonização, sofreu com a ambição e influência dos poderosos e grandes proprietários, que fizeram com que seu desenvolvimento acontecesse de forma irresponsável, passando por cima do ecossistema nativo do município, e evoluindo para um gerenciamento equivocado, sem nenhum planejamento ambiental.

O planejamento ambiental, por sua vez, é essencial para que uma cidade se desenvolva adequadamente, de modo que sua economia e progresso caminhem junto com a preocupação com o meio ambiente. Segundo Franco (2001, p. 35).

Planejamento Ambiental é todo planejamento que parte do princípio da valorização e conservação das bases naturais de um dado território como base de auto sustentação da vida e das interações que a mantém, ou seja, das relações ecossistêmicas.

Franco (2001) afirma que esse planejamento pressupõe três princípios: o princípio da *preservação ambiental*, da “não-ação”, no qual os ecossistemas devem permanecer intocados pela ação humana, exceto para estudos científicos; o princípio da *recuperação ambiental*, no qual também se aplica o princípio da “não-ação”, mantendo determinadas áreas intocadas, mas também se intervém para acelerar os processos de recuperação, com um serviço de “ajuda à natureza”; e o princípio da *conservação ambiental*, que consiste no “usufruto dos recursos naturais pelo homem na linha de mínimo risco, [...] utilizar sem destruir ou depredar a fonte de origem de alimento ou de energia.” (FRANCO, 2001, p. 36). Infelizmente a realidade apresentada em Presidente Venceslau-SP deixa a desejar a aplicação destes três princípios de planejamento ambiental.

Neste contexto, o presente artigo objetiva estruturar uma breve análise na situação atual da rede de água e esgoto, dos resíduos sólidos urbanos e do solo e vegetação existente em Presidente Venceslau-SP, enfatizando a falta de planejamento ambiental nesses setores. A metodologia utilizada foram pesquisas de campo referente à servidão de água, ao escoamento e tratamento do esgoto, às condições de despejo e reaproveitamento dos resíduos sólidos, assim

como na pesquisa bibliográfica e histórica que justifica as condições precárias referentes ao solo e vegetação que hoje se encontram no município.

2. ÁGUA E ESGOTO

A empresa responsável pela distribuição de água de Presidente Venceslau – SP é um departamento municipal e “autônomo”, denominado SMSB -Secretaria Municipal de Saneamento Básico, antes denominado DAE - Departamento de Água e Esgoto. Wesley Martins (2013), responsável pela secretaria, afirma que o número de ligações de distribuição de água na cidade é, no total, 14.449 (das quais 13.712 estão ativas), equivalendo a um consumo diário de aproximadamente 7.000m³ de água. A captação da água é feita de duas formas: captação superficial, feita no Córrego do Veado, localizado a oito quilômetros da estação de tratamento (no centro da cidade); e captação subterrânea, feita através de poços artesianos nos bairros mais distantes do centro.

Diante visitas nas estações de tratamento, foi possível perceber que, apesar de o departamento ser municipal, o sistema de tratamento e servidão de água é razoável. Por outro lado, o sistema de esgoto configura o principal problema ambiental de Presidente Venceslau, uma vez que é completamente negligenciado.

Segundo Martins, o número de ligações de coleta de esgoto da cidade é, no total, 14.186, das quais 13.449 estão ativas. Esse número corresponde a 98% de cobertura. Porém, a cidade ainda não possui sistema de tratamento de esgoto, de modo que todo o esgoto coletado é despejado *in natura* no Córrego da Mangueira, que recebe o esgoto dos bairros a norte da linha férrea, e no Córrego da Fortuna, que recebe o esgoto dos bairros ao sul da linha. Segundo Martins (2013) a justificativa de esse despejo ser dividido para os dois córregos está no fato de a linha férrea, localizada no centro da cidade, ser o ponto mais alto da mesma, declinando para as duas extremidades (norte e sul), de modo que foi “menos viável” o uso de um córrego só. Devido ao fato de não haver tratamento e nem controle do esgoto coletado, não foi possível reconhecer a quantidade exata de esgoto coletado diariamente. Martins (2013) afirma ainda que estima-se (e cobra-se na conta de água e esgoto) que essa quantidade seja 55% do total de água servida, o que totalizaria aproximadamente 3.300m³ de esgoto despejado irregularmente por dia nesses córregos.

Netto (2013) pontua que, dentre 53 cidades, Presidente Venceslau tem o pior índice de tratamento de esgoto da região, possuindo índice zero de tratamento e ICTEM - Índice de Coleta e

Tratabilidade de Esgoto da População Urbana de Municípios de 1,47, em uma escala que varia de 0 a 10. Netto (2013) relata também que “levantamento realizado pela Cetesb aponta que poluição atinge o Ribeirão do Veado e Rio Santo Anastácio” e, o que agrava ainda mais o problema é o fato de que um desses recursos hídricos atingidos, o Ribeirão do Veado, é justamente o que fornece a água servida na região central da cidade.

Segundo Martins (2013) os corpos receptores não estão enquadrados na resolução CONAMA 357, uma vez que nenhuma medida de regularização e adequação dos córregos foi tomada até o momento, de modo que recebem 1.963 quilos de matéria orgânica por dia, sem qualquer intervenção de tratamento. Existem também 263 fossas sépticas na cidade, situadas em áreas de chácaras, e as redes de esgoto não foram devidamente instaladas nesses locais por pura acomodação da prefeitura, algo que agrava ainda mais o problema de insalubridade do município (MARTINS, 2013).

Netto (2013) afirma que, segundo José Clóvis Fróes de Moraes, secretário municipal de Saneamento Básico de Presidente Venceslau, as obras para o sistema de tratamento de esgoto para os dois córregos receptores já foram licitadas, com verba de R\$18 milhões liberada pelo Governo do Estado de São Paulo, através do Projeto Água Limpa, e tem estimativa de ficarem prontas em dois anos. Netto (2013) relata que a justificativa para a ainda não existência do sistema de tratamento de esgoto está na “autonomia” assumida pelo município nesse setor, já que:

A Prefeitura é responsável pelo gerenciamento do saneamento básico em Venceslau, mas, conforme Moraes, o município sozinho não tem condições financeiras de construir as estações de tratamento de esgoto ou sequer de oferecer uma contrapartida para as obras.

Segundo Netto (2013) somada a essa “autonomia” está o fato de que o município já acumulou uma multa de mais R\$18 milhões devido à poluição gerada pelo esgoto, que a prefeitura levará 10 anos para pagar, por meio de obras compensatórias.

3. RESÍDUOS SÓLIDOS

Apesar da desorganização do setor responsável pelos resíduos sólidos no município, e da precariedade no destino dos mesmos na região como um todo, Presidente Venceslau - SP possui um bom gerenciamento dos seus resíduos sólidos urbanos.

Segundo Marcos Antônio Da Silva (2013), responsável pelo SEAAMA – Secretaria Municipal de Agricultura, Abastecimento e Meio Ambiente, a quantidade de lixo produzida diariamente na cidade é de 27 toneladas, e 100% dessa quantidade é coletada. A coleta é realizada pela prefeitura,

ocorrendo diariamente nas áreas centrais da cidade e três vezes por semana nos bairros mais afastados. Segundo Silva (2013) na cidade existe a coleta seletiva realizada oficialmente a partir de 2009, pela “Associação dos Catadores”. Hoje essa coleta abrange apenas 5% do perímetro urbano, uma vez que a ação possui apenas um caminhão de recolhimento, e não possui usina de triagem – possui apenas um “galpão de triagem” improvisado, sem paredes, exposto ao tempo, e situado nas dependências do Aterro Sanitário. Porém, essa situação já tem previsão para ser convertida, como afirma o Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos do município (2012), confirmando que o município foi contemplado com o valor de R\$586.634,00, que serão utilizados para a construção do novo galpão de triagem, aquisição de um caminhão e outros equipamentos necessários.

A destinação final do lixo não reciclado é o Aterro Sanitário, que se localiza distante da área urbanizada, em uma área livre de intervenções externas (como aeroportos, por exemplo), possui fácil acesso para veículos pesados, possui uma lagoa de chorume impermeabilizada, é cercado (impedindo a entrada de animais), e possui vegetação ao seu redor (produzindo uma barreira visual e olfativa).

Diante visita em campo, os autores deste artigo identificaram três valas no aterro, uma já completamente coberta e não mais em uso, uma em uso, e outra a ser executada. A vala em uso foi efetuada da forma correta, respeitando a normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT (site Portal Brasil, 2010), como comprovam as imagens de sua criação que Silva (2013) disponibilizou para os autores, uma vez que possui impermeabilização das laterais e do fundo com pedras e mantas de pvc (para evitar contaminação do lençol freático), drenos para o chorume (escoando-os na lagoa de chorume impermeabilizada), drenos para os gases, e até canaletas laterais para escoamento externo da água da chuva. Por outro lado, essa mesma vala se encontra em estado precário, pois as normas da ABNT para a sua *manutenção* foram negligenciadas, de modo que há muito tempo não é feito o cobrimento das camadas de lixo (que deveria ser intercalado e periódico), e os drenos de gases foram cobertos pelo lixo, não mais transcendendo até a superfície, de modo que essa vala precisará ser encerrada definitivamente o mais rápido possível, assim que a terceira vala, que já deveria estar pronta, for concluída. Silva (2013) justifica essa precariedade na mudança de mandato que causou o atraso na manutenção do aterro. Isso indica a enorme falta de planejamento racional da prefeitura do município, uma vez que as medidas de manutenção do aterro não foram previamente estipuladas para a mudança de mandato, e assim, a vala que poderia ser utilizada por muito mais tempo terá de ser desativada, enquanto a nova vala nem está pronta.

4. SOLO E VEGETAÇÃO

Segundo Dita (2006), Presidente Venceslau SP, assim como toda região da Alta Sorocabana, originalmente era dotada de uma mata nativa densa e diversificada. A exploração inicial da cidade, que impulsionou a chegada da linha férrea, sua colonização e consequentemente sua inauguração, se baseava na extração desenfreada da madeira nativa. Essa extração só parou de ser realizada quando a distância entre os locais de extração e a estação férrea estava demasiadamente grande, de modo que inviabilizava o seu transporte, como Dita (2006, p. 34) afirma no seguinte trecho:

Quando a distância entre o ponto em que estava a derrubada da mata e as serrarias tornou-se inaceitável devido ao ônus de transporte das toras, as indústrias foram fechadas, encerrando uma das fases econômicas mais influentes da exploração do território venceslauense.

A partir dessa justificativa é possível imaginar a imensidão de extensões de terra que foram desmatadas, e, consequentemente, os prejuízos para o solo, como Erbella (2006, p. 139) relata no seguinte trecho:

A exuberante vegetação estava assentada em terreno [...] de fertilidade temporária; a forma utilizada interrompeu o ciclo do ecossistema natural e o solo descoberto, sem a primitiva vegetação, acabou lixiviado e erodido, empobrecendo a sua fertilidade.

Segundo Dita (2006), o próximo passo nesse caminho desastroso foi a divisão das terras desmatadas para os imigrantes que no município chegavam e iniciavam a monocultura do café (e posteriormente do algodão). As monoculturas duradouras acabaram por intensificar os problemas e eliminar de vez os nutrientes do solo, que se tornaram não mais naturalmente capazes de suportar reflorestamentos, pois, segundo Dita (2006, p. 37), “O cultivo de culturas prolongadas, sem os cuidados necessários com o solo, ocasionou o empobrecimento e a baixa produtividade.”.

Segundo Erbella (2006), diante a baixa produtividade do solo e a inviabilidade da produção agrícola, a agricultura entrou em decadência, sendo substituída pela pecuária, quando os pequenos proprietários se viram obrigados a vender suas terras para os latifundiários, que iniciaram suas posses longevas. A pecuária não necessitava de cuidados com o solo (já que a pastagem utilizada era rudimentar), de modo que os proprietários negligenciavam suas terras e apenas as mantinham ociosas, como Erbella (2006, p. 149) relata no seguinte trecho:

Senhores do campo e fonte de quase toda essa economia, infelizmente, alguns fazendeiro não deram conta, na hora certa, de que o melhor remédio era aplicar seus esforços na conservação e fertilização do solo e no

aprimoramento genérico, nutricional e sanitário da pecuária bovina. Infelizmente queriam mais e mais terras.

Esse processo desastroso agravou o impacto ambiental e retardou sua recuperação até os dias de hoje, uma vez que essas terras continuaram improdutivas e negligenciadas por seus proprietários.

Como resultado, Presidente Venceslau hoje possui uma pequena porcentagem de área verde e de área permeável dentro de seu perímetro urbano, uma vez que o solo se tornou infértil, restringindo essa porcentagem a poucas praças e bosques espalhados pela cidade e para matas ciliares “preservadas” ao redor dos principais córregos, dois dos quais são poluídos diretamente pela rede de esgoto da cidade, como explicado anteriormente. O restante da área pertencente ao município e não urbanizada (a maior porcentagem) permanece ociosa, ocupada por pastos voltados para pecuária e, em poucos casos, por vegetações mais adensadas, geralmente plantações de eucalipto (que também empobrecem o solo gradativamente).

CONCLUSÃO

O município de Presidente Venceslau sofreu e sofre até hoje por ações da população e de seus gestores que, desde o início, não se preocuparam com um planejamento ambiental que buscasse a preservação e a conservação ambiental, uma vez que:

- Seus principais córregos estão sendo poluídos pelo seu sistema de esgoto precário, encadeando malefícios indiretos para a população. A autonomia municipal no sistema de saneamento básico da cidade comprova a ganância dos gerenciadores da mesma, que buscam lucrar em todos os aspectos, assumindo uma responsabilidade com a qual não podem arcar plenamente. Essa ganância, somada à falta de planejamentos ambiental (que exercesse a preservação e conservação) e econômico (que premeditasse o capital necessário para isso) voltados para o saneamento básico da cidade, foram pagas pelo ecossistema local, que, como sistema em cadeia, acabou retribuindo os prejuízos para a própria população, prejuízos econômicos (com os gastos necessários para a sua recuperação) e de qualidade de vida (devido à poluição que já afeta alguns moradores indiretamente).

- Apesar da elaboração dentro das normas, a manutenção de seu aterro sanitário não foi feita adequadamente. Por mais que a prefeitura se gabe de possuí-lo e por tê-lo elaborado da forma correta, não se utiliza de um *planejamento racional* que organize e direcione corretamente o capital recebido pelo governo, e não possui a sensibilidade adequada para alcançar o melhor

proveito possível desse aterro. Como resultado, percebe-se a clara improvisação, tanto no setor da reciclagem, quanto no manuseio do próprio aterro, quando as responsabilidades não são assumidas, o gerenciamento é desorganizado, e as iniciativas vivem em função de recursos externos.

- Sua floresta nativa foi desmatada, e os cuidados com o solo negligenciados. Devido à falta de planejamento ambiental que visasse a preservação ambiental (mantendo áreas de mananciais intocadas) e a conservação ambiental (extraíndo os recursos e se utilizando da terra de forma consciente), hoje o solo e vegetação de Presidente Venceslau (assim como seus recursos hídricos), só poderão ser restaurados com um complexo processo de recuperação ambiental, algo que provavelmente demandará um grande capital o qual o município não possui.

Como forma de remediação, e diante à diversas multas, medidas de recuperação ambiental estão sendo tomadas para resolver os problemas atuais, mesmo que tardiamente, como os projetos para sistemas de tratamento de esgoto e dos córregos poluídos, o incentivo financeiro à coleta seletiva, assim como “reflorestamentos” realizados pela própria população (como o plantio comunitário de mudas de Pau Brasil, por exemplo). O problema é que a população e seus gerenciadores não podem se fixar apenas na ideia de remediação, precisam adquirir um planejamento ambiental concreto, racional, e sensibilizado, de modo que os problemas futuros passem a ser prevenidos, através de um sistema organizado que impeça que o quadro atual volte a ocorrer.

REFERÊNCIAS

DAL MÁ, Antônio Domingos et al. **Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos**. 2012. Presidente Venceslau.

DITA, Nilda da Silva. **Presidente Venceslau: Vocação Solidária – 80 Anos, Suas Histórias, Suas Conquistas!**. 1. ed. São Paulo: Editora Noovha America, 2006.

ERBELLA, Inocêncio. **Rabiscos Históricos de Presidente Venceslau**. 1. ed. Presidente Venceslau: Editora Artes Gráficas Pedriali LTDA, 2006.

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Planejamento Ambiental: Para a Cidade Sustentável**. 1. ed. São Paulo: Annablume: Edifurb, 2001.

NETTO, Gelson. **Presidente Venceslau Tem o Pior Índice de Tratamento de Esgoto da Região**. 2013. Disponível em: <<http://www.ifronteira.com/noticia-regiao-47821>>. Acessado em 6 jun. 2013, 19:14:00.

Portal Brasil. **Gestão do Lixo:** Aterros Sanitários. 2010. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/sobre/meio-ambiente/gestao-do-lixo/aterros-sanitarios>>. Acessado em: 10 jun. 2013, 15:38:00.